

O que é escrita?

Se houve um tempo em que era comum a existência de comunidades ágrafas, se houve um tempo em que a escrita era de difícil acesso ou uma atividade destinada a alguns poucos privilegiados, na atualidade, a escrita faz parte da nossa vida, seja porque somos constantemente solicitados a produzir textos escritos (bilhete, e-mail, listas de compras, etc., etc.), seja porque somos solicitados a ler textos escritos em diversas situações do dia-a-dia (placas, letreiros, anúncios, embalagens, e-mail, etc., etc.).

BARRÉ-DE-MINIAC (2006: 38) afirma que “hoje, a escrita não é mais domínio exclusivo dos escravos e dos eruditos. [...] A prática da escrita de fato se generalizou: além dos trabalhos escolares ou eruditos, é utilizada para o trabalho, a comunicação, a gestão da vida pessoal e doméstica”.

Que a escrita é onipresente em nossa vida, já o sabemos. Mas, afinal, “o que é escrever?”. Responder a essa questão é uma tarefa difícil porque a atividade de escrita envolve aspectos de natureza variada (linguística, cognitiva, pragmática, sócio-histórica e cultural).

Como é de nosso conhecimento, há muitos estudos sobre a escrita, sob diversas perspectivas, que nos propiciam diferentes modos de responder a questão em foco. Basta pensarmos, por exemplo, nas investigações

existentes segundo as quais a escrita, ao longo do tempo, foi e vem se constituindo como um produto sócio-histórico-cultural, em diversos suportes e demandando diferentes modos de leitura (CHARTIER, 2003, 2002, 2001, 1998; EISENSTEIN, 1998); o modo pelo qual ocorre o processo de aquisição da escrita por parte da criança (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999; LANDSMANN, 2006); o modo pelo qual a escrita é concebida como uma atividade cuja realização demanda a ativação de conhecimentos e o uso de várias estratégias no curso da produção do texto (TORRANCE & GALBRAIT, 1999).

Apesar da complexidade que envolve a questão, não é raro, quer em sala de aula, quer em outras situações do dia-a-dia, nos depararmos com definições de escrita, tais como: “escrita é inspiração”; “escrita é uma atividade para alguns poucos privilegiados (aqueles que nascem com esse dom e se transformam em escritores renomados)”; “escrita é expressão do pensamento” no papel ou em outro suporte; “escrita é domínio de regras da língua”; “escrita é trabalho” que requer a utilização de diversas estratégias da parte do produtor.

Essa pluralidade de respostas nos faz pensar que o modo pelo qual concebemos a escrita não se encontra dissociado do modo pelo qual entendemos a linguagem, o texto e o sujeito que escreve. Em outras palavras, subjaz uma concepção de linguagem, de texto e de sujeito escritor ao modo pelo qual entendemos, praticamos e ensinamos a escrita, ainda que não tenhamos consciência disso.

Escrita: foco na língua

Se, em uma sala de aula, perguntarmos aos alunos o que pensam sobre a escrita, certamente, ouviremos que, para escrever – e fazê-lo bem –, é preciso conhecer as regras gramaticais da língua e ter um bom vocabulário, e que são esses os critérios utilizados na avaliação da produção textual.

Não é, pois, por acaso, que nós, professores e avaliadores de redações em tarefas escolares, ou simples leitores dos textos produzidos por alunos, encontramos nessas produções palavras rebuscadas, muitas vezes usadas inadequadamente.

Quanto às regras da gramática, bem, houve um tempo em que era comum recomendar aos alunos baterias e baterias de exercícios sobre uso de sinais de pontuação, concordância, regência, colocação pronominal, dentre

outros tópicos, esperando que o aluno exercitasse em frases as regras gramaticais e depois transferisse esse conhecimento para a produção do texto.

Ah! Poderia haver, sim, alguns desvios em relação ao uso das regras, mas isso era visto com bons olhos apenas em escritas de autores já consagrados. Dito de outro modo, só aqueles que conheciam bem as regras da língua poderiam alterá-las. Aos demais, cabia apenas seguir o que era preconizado nas gramáticas, seguir modelos.

Subjacente a essa visão de escrita, encontra-se uma concepção de linguagem como um sistema pronto, acabado, devendo o escritor se apropriar desse sistema e de suas regras. O princípio explicativo de todo e qualquer fenômeno e de todo e qualquer comportamento individual repousa sobre a consideração do sistema, quer linguístico, quer social.

Nessa concepção de **sujeito como (pré)determinado pelo sistema**, o **texto** é visto como simples produto de uma codificação realizada pelo escritor a ser decodificado pelo leitor, bastando a ambos, para tanto, o conhecimento do código utilizado. Nessa concepção de texto, não há espaço para implicitudes, uma vez que o uso do código é determinado pelo princípio da transparência: tudo está dito no dito ou, em outras palavras, o que está escrito é o que deve ser entendido em uma visão situada não além nem aquém da linearidade, mas centrada na linearidade.

Escrita: foco no escritor

Há quem entenda a escrita como representação do pensamento, “escrever é expressar o pensamento no papel”, por conseguinte, tributária de um **sujeito psicológico, individual, dono e controlador de sua vontade e de suas ações**. Trata-se de um sujeito visto como um *ego* que constrói uma representação mental, “transpõe” essa representação para o papel e deseja que esta seja “captada” pelo leitor da maneira como foi mentalizada.

Nessa concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o **texto** é visto como um produto – lógico – do pensamento (representação mental) do escritor. A **escrita**, assim, é entendida como uma atividade por meio da qual aquele que escreve expressa seu pensamento, suas intenções, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor ou a interação que envolve esse processo.

Escrita: foco na interação

Existe, porém, uma concepção segundo a qual a escrita é vista como produção textual, cuja realização exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de várias estratégias. Isso significa dizer que o produtor, de forma não linear, “pensa” no que vai escrever e em seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário, em um movimento constante e on-line guiado pelo princípio interacional.

Essa é a diferença em relação às concepções anteriormente descritas, visto que a escrita não é compreendida em relação apenas à apropriação das regras da língua, nem tampouco ao pensamento e intenções do escritor, mas, sim, em relação à interação escritor-leitor, levando em conta, é verdade, as intenções daquele que faz uso da língua para atingir o seu intento sem, contudo, ignorar que o leitor com seus conhecimentos é parte constitutiva desse processo.

Nessa concepção **interacional (dialógica) da língua**, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como **atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto**, este considerado um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais (BEAUGRANDE, 1997). Desse modo, há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo (ver **capítulo 4**) dos participantes da interação.

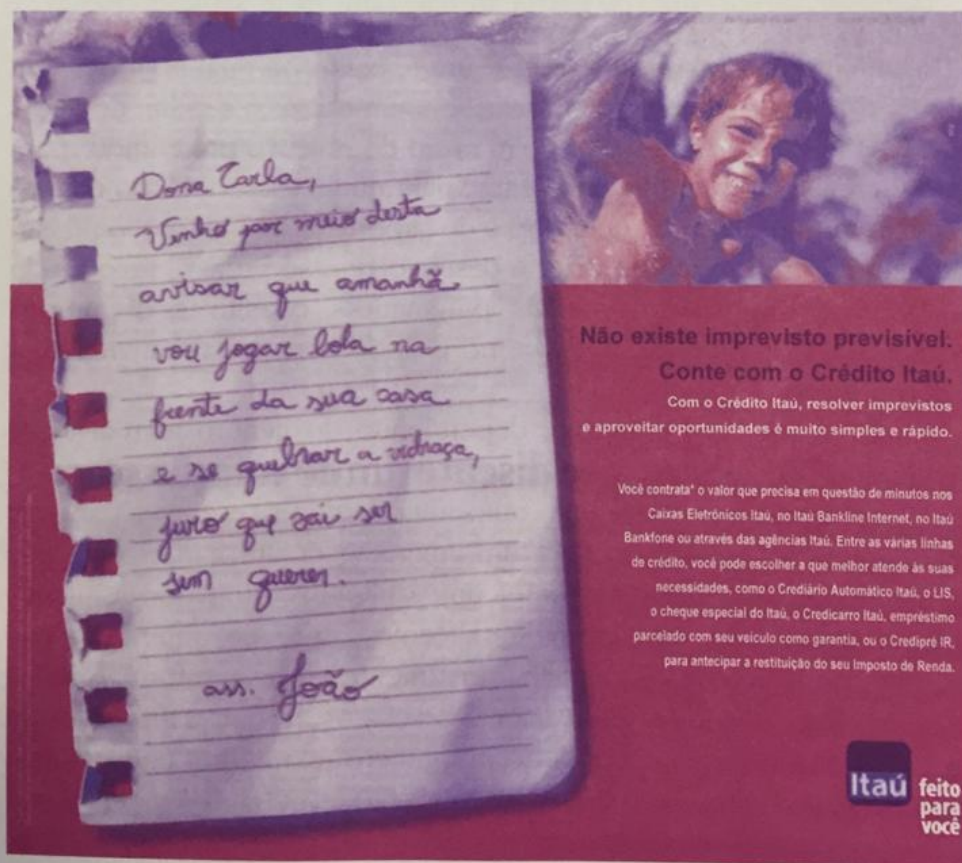
Nessa perspectiva, a escrita é uma atividade que demanda da parte de quem escreve a utilização de muitas estratégias, como:

- ativação de conhecimentos sobre os componentes da situação comunicativa (interlocutores, tópico a ser desenvolvido e configuração textual adequada à interação em foco);
- seleção, organização e desenvolvimento das ideias, de modo a garantir a continuidade do tema e sua progressão;
- “balanceamento” entre informações explícitas e implícitas; entre informações “novas” e “dadas”, levando em conta o compartilhamento de informações com o leitor e o objetivo da escrita;
- revisão da escrita ao longo de todo o processo, guiada pelo objetivo da produção e pela interação que o escritor pretende estabelecer com o leitor.

O sentido da escrita, portanto, é produto dessa interação, não resultado apenas do uso do código, nem tão-somente das intenções do escritor. Numa concepção de escrita assentada na interação, o sentido é um *constructo*, não podendo, por conseguinte, ser determinado *a priori*.

Entendemos, pois, a escrita como a atividade de produção textual (TORRANCE & GALBRAITH, 1999) que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos e na sua forma de organização, mas requer, no interior do evento comunicativo, a mobilização de um vasto conjunto de conhecimentos do escritor, o que inclui também o que esse pressupõe ser do conhecimento do leitor ou do que é compartilhado por ambos.

Mas o que significa na prática pensar a escrita como trabalho que resulta de uma conjugação de fatores? Leiamos o texto a seguir:



*Dona Carla,
Vinha por mais desta
arizax que amanhã
vou jogar bola na
frente da sua casa
e se quiser a vitória,
jure que vai ser
um guerreiro.*

an. João

**Não existe imprevisto previsível.
Conte com o Crédito Itaú.**

Com o Crédito Itaú, resolver imprevistos e aproveitar oportunidades é muito simples e rápido.

Você contrata* o valor que precisa em questão de minutos nos Caixas Eletrônicos Itaú, no Itaú Bankline Internet, no Itaú Bankfone ou através das agências Itaú. Entre as várias linhas de crédito, você pode escolher a que melhor atende às suas necessidades, como o Credidiário Automático Itaú, o LIS, o cheque especial do Itaú, o Credicarro Itaú, empréstimo parcelado com seu veículo como garantia, ou o Credipré IR, para antecipar a restituição do seu Imposto de Renda.

Itaú feito para você

Fonte: Folha de S. Paulo, 14 mar. 2006.

Quem produziu esse texto teve como propósito anunciar um serviço oferecido pelo Banco Itaú. A fim de chamar a atenção do leitor, o produtor recorreu à estratégia de inserir no anúncio um bilhete cuja produção atribuímos a uma criança, ainda que não haja nenhuma indicação da idade de quem assina o bilhete.

No entanto, isso não invalida a nossa hipótese, uma vez que nosso “modelo” referente ao modo pelo qual geralmente crianças produzem textos é ativado com base em algumas pistas construídas intencionalmente pelo autor, visando guiar o leitor: tipo de letra, conteúdo desenvolvido, abreviação “ass.”. Com acentuado grau de sofisticação, o produtor do texto insere o bilhete com destaque no anúncio e o faz na perspectiva de uma criança, objetivando chamar a atenção para o fato de que “não existe imprevisto previsível” como ilustrado no bilhete, por isso a saída é contar com o Itaú, um banco com crédito disponível para cobrir os imprevistos.

Vemos, portanto, que a escrita é um trabalho no qual o sujeito tem algo a dizer e o faz sempre em relação a um outro (o seu interlocutor/leitor) com um certo propósito. Em razão do objetivo pretendido (para que escrever?), do interlocutor/leitor (para quem escrever?), do quadro espacio-temporal (onde? quando?) e do suporte de veiculação, o produtor elabora um projeto de dizer e desenvolve esse projeto, recorrendo a estratégias linguísticas, textuais, pragmáticas, cognitivas, discursivas e interacionais, vendo e revendo, no próprio percurso da atividade, a sua produção.

Assim é que, por exemplo, dependendo do gênero textual a ser produzido, do assunto a ser tratado, de quem seja o interlocutor, dos lugares em que se situam como interlocutores (escrever para um chefe, para um professor, para um amigo, para um namorado), dos conhecimentos pressupostamente compartilhados, do maior ou menor grau de intimidade, familiaridade existente entre esses interlocutores, a escrita pode se constituir mais formalmente ou mais informalmente. O *como* dizer o que se quer dizer é revelador de que a escrita é um processo que envolve escolha de um gênero textual em consonância com as práticas sociais, seleção, organização e revisão das ideias para os ajustes/reajustes necessários, tendo em vista a eficiência e a eficácia da comunicação.

Escrita e ativação de conhecimentos

Já dissemos que, em sua atividade, o escritor recorre a conhecimentos armazenados na memória relacionados à língua, ao saber enciclopédico, a práticas interacionais. Esses conhecimentos, resultado de inúmeras atividades em que nos envolvemos ao longo de nossa vida, deixam entrever a intrínseca relação entre linguagem/mundo/práticas sociais.

A seguir, abordaremos brevemente **os tipos de conhecimentos** ativados no processo de escrita – foco de nossa atenção –, esclarecendo, contudo, que o tratamento dado a esses conhecimentos em separado atende apenas a um critério didático. Também enfatizamos que, uma vez armazenados na memória, os conhecimentos sofrem alterações, modificações em razão da atualização de nossas práticas sociais. Assim sendo, segundo KOCH (2002: 40):

a memória deixa de ser vista como um auxiliar do conhecimento, passando a ser considerada parte integrante dele, ou mesmo como a forma de todo o conhecimento: o conhecimento nada mais é que estruturas estabilizadas na memória de longo prazo, que são utilizadas para o reconhecimento, a compreensão de situações – e de textos –, a ação e a interação social.

Conhecimento linguístico

Escrever é uma atividade que exige do escritor **conhecimento da ortografia, da gramática e do léxico de sua língua**, adquirido ao longo da vida nas inúmeras práticas comunicativas de que participamos como sujeitos eminentemente sociais que somos e, de forma sistematizada, na escola.

Conhecer como as palavras devem ser grafadas corretamente segundo convenção da escrita é um aspecto importante para a produção textual e a obtenção do objetivo almejado. Sob uma perspectiva interacional, obedecer às normas ortográficas é um recurso que contribui para a construção de uma imagem positiva daquele que escreve, porque, dentre outros motivos, demonstra: i) atitude colaborativa do escritor no sentido de evitar problemas no plano da comunicação; ii) atenção e consideração dispensadas ao leitor.

Obviamente, já sabemos disso e, em nossas produções textuais, prestamos atenção à ortografia, quando, por exemplo, recorremos a um dicionário ou gramática para dirimir dúvidas quanto à grafia de uma palavra. Nos

exemplos a seguir reforçamos a importância da ortografia na produção escrita. O **texto 1** chama a nossa atenção para o fato de que escrever uma palavra de um jeito ou de outro (“comuntadores”/“computadores”) pode dificultar a obtenção do objetivo pretendido. Por sua vez, o **texto 2** provoca o efeito de humor ao pôr em evidência, além do conceito, a forma de grafar corretamente a palavra “ócio”.

TEXTO 1



Fonte: O Estado de S. Paulo, 14 fev. 2006.

TEXTO 2



Fonte: Folha de S. Paulo, 12 abr. 2007.

Ainda no conjunto dos conhecimentos sobre ortografia, merece destaque a acentuação gráfica. O uso das regras de acentuação gráfica no plano da escrita é um recurso que funciona como um sinalizador a mais a ser considerado na produção de sentido, tal como podemos verificar no exemplo a seguir:



Fonte: O Estado de S.Paulo, 21 jan. 2006.

Em se tratando dos conhecimentos gramaticais, um dos tópicos que merece atenção é a pontuação, entendida não apenas com a função de marcar contornos entonacionais e deslocamentos sintáticos, mas, sim, em uma visão textual-discursiva. Nessa perspectiva, os sinais de pontuação são vistos como “marcas do ritmo da escrita”, por meio das quais “o escrevente sinaliza para o leitor as relações entre as partes da oração, bem como uma forma preferencial de leitura” (CHACON, 1998: 133). O texto a seguir é uma exemplificação do que acabamos de dizer. Vejamos:



A VÍRGULA
A VÍRGULA PODE SER UMA PAUSA, OU NÃO.
NÃO. ESPERE.
NÃO. ESPERE.
A VÍRGULA PODE CRIAR HERÓIS.
ISSO SÓ. ELE RESOLVE.
ISSO. SÓ ELE RESOLVE.
ELA PODE FORÇAR O QUE VOCÊ NÃO QUER.
ACEITO. OBRIGADO.
ACEITO. OBRIGADO.
PODE ACUSAR A PESSOA ERRADA.
ESSE. JUIZ. É CORRUPTO.
ESSE. JUIZ. É CORRUPTO.
A VÍRGULA PODE MUDAR UMA OPINIÃO.
NÃO. QUERO LER.
NÃO. QUERO LER.

UMA VÍRGULA MUDA TUDO.
ABI. 100 ANOS LUTANDO PARA
QUE NINGUÉM MUDE NEM UMA
VÍRGULA DA SUA INFORMAÇÃO.


ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE IMPRENSA

Fonte: Revista *Veja*, 9 abr. 2008.

Além de aspectos ortográficos e gramaticais, os conhecimentos linguísticos dizem respeito ao **léxico**, ou seja, ao inventário total de palavras disponíveis para os falantes, embora isso não signifique que devamos entender o léxico apenas como uma longa lista de palavras, mas, sim, como um conjunto de recursos lexicais que incluem os processos disponíveis na língua para a construção de palavras.

No exemplo a seguir,



Fonte: O Estado de S. Paulo, 6 fev. 2006.

chama-nos a atenção o uso da palavra “confiscar” e uma avaliação “positiva” desse uso na situação descrita, o que significa dizer que, assim como “a roupa (a moda) carrega consigo elementos de maior ou menor prestígio social, valorizando ou desvalorizando o usuário, da mesma forma a linguagem atribui prestígio ou desprestígio a quem fala ou escreve” (PRETI, 2003: 51-52).

No texto acima, vimos que o produtor destacou a questão do prestígio/desprestígio social que carregam certas palavras em um dado contexto de uso e as implicações disso no plano interacional.

Conhecimento enciclopédico

Em nossa atividade de escrita, recorremos constantemente a conhecimentos sobre coisas do mundo que se encontram armazenados em nossa memória, como se tivéssemos uma enciclopédia em nossa mente, constituída de forma personalizada, com base em conhecimentos de que ouvimos falar ou que lemos, ou adquirimos em vivências e experiências variadas.

Vejamos nos textos a seguir como o escritor ativou conhecimentos enciclopédicos para produzir as tiras e o quanto pressupõe que esses conhecimentos façam parte também da memória do leitor.

No **TEXTO 1**,

Fonte: O Estado de S. Paulo, 31 out. 2007.

o escritor constitui o efeito de humor da tira ao fazer uso do conhecimento culturalmente constituído sobre **o dia 1º de abril** – o Dia da Mentira. Esse dia é assim conhecido, porque, segundo nos contam, em 1564, o rei da França Carlos IX transferiu a comemoração do Ano Novo, antes comemorado entre 25 de março e 1º de abril, início da primavera, para 1º de janeiro. No entanto, algumas pessoas resistentes à mudança do calendário continuaram a comemorar o Ano Novo no dia 1º de abril e, por essa razão, passaram a ser alvo de diversas brincadeiras, fato que tornou esse dia conhecido como o Dia da Mentira em muitos lugares do mundo.

No **TEXTO 2**,

Fonte: O Estado de S. Paulo, 23 maio. 2007.

o escritor revela, em sua produção, conhecimento que possui sobre a prática do grafite, por um lado, e a prática do *spam*, por outro lado.

Sabemos, com base em nosso conhecimento enciclopédico, que grafite significa “marca ou inscrição feita em um muro” e constitui uma prática de escrever ou desenhar nos muros com estilo e finalidade diversificados (políticos, artísticos), cuja origem remete aos tempos do

Império Romano. Por sua vez, *spam* é o termo pelo qual é comumente conhecido o envio, a uma grande quantidade de pessoas de uma vez, de mensagens eletrônicas, geralmente com propósito publicitário. Na produção das tirinhas, os autores recorreram a esses conhecimentos das coisas do mundo e deram-lhes destaque na escrita, pressupondo que também fazem parte do repertório do leitor.

Conhecimento de textos

Para a atividade de escrita, o produtor precisa ativar “modelos” que possui sobre práticas comunicativas (ver **capítulo 3**) configuradas em textos, levando em conta elementos que entram em sua composição (modo de organização), além de aspectos do conteúdo, estilo, função e suporte de veiculação. É o que podemos notar na produção a seguir:



Fonte: O Estado de S. Paulo, 23 jan. 2006.

Na tirinha, o produtor recorre a conhecimentos que possui sobre como compor o gênero de modo a provocar o efeito de humor tão esperado nesse tipo de produção. A pergunta se o currículo pode conter informação sobre a autoestima de quem o elabora provoca o efeito de humor, porque o nosso modelo atual de currículo nos diz que tipo de informações, geralmente, devem compor esse gênero textual. É verdade que esses “modelos” são flexíveis e sofrem alterações ao longo do tempo, fato esse acentuado no princípio de “estabilidade relativa” constitutivo dos gêneros textuais, postulado por BAKHTIN (1992).

Além disso, é importante ressaltar que o conhecimento textual também está relacionado à presença de um texto ou mais de um texto em outro. Nesse sentido, falar de conhecimento de textos significa também

falar de **intertextualidade** (ver **capítulo 5**), um princípio que entra na constituição de todo e qualquer texto, visto que este é produzido em resposta a outro texto, sempre. A escrita, portanto, é uma atividade que exige a retomada de outros textos, explícita ou implicitamente, dependendo do propósito da comunicação. É o que revela o texto a seguir, que retoma o discurso bíblico sobre o pecado original para provocar o efeito de humor, traço característico do gênero. Vejamos:



Fonte: O Estado de S. Paulo, 15 out. 2007.

Conhecimentos interacionais

Além dos conhecimentos descritos, a escrita demanda ativação de modelos cognitivos que o produtor possui sobre práticas interacionais diversas, histórica e culturalmente constituídas. É, portanto, baseado em conhecimentos interacionais, que o produtor:

- **configura na escrita a sua intenção, possibilitando ao leitor reconhecer o objetivo ou propósito pretendido no quadro interacional desenhado.**

No texto a seguir, o produtor sinaliza, no trecho em destaque, que a produção é uma homenagem a uma avó muito querida e espera que os leitores a apreciem.

VÓ DOCA
(MINHA AVÓ)

VÓ É COISA PRA SEMPRE...

FIZ ESSA POESIA EM HOMENAGEM A UMA DAS MINHAS AVÓS, QUE JÁ SE FOI... ESPERO QUE GOSTEM:

MINHA VÓ,
COM BELEZA E VONTADE,
RECEBIA VISITAS,
TINHA MUITAS AMIZADES!

ELA E A TIA ELZA
FICAVAM HORAS CONVERSANDO
ESQUECIAM DE TUDO, MENOS DA NOVELA
"HOJE A CLARICE VAI FALAR COM A DONA CARMELA"

ENTÃO ASSISTIAM, MUITO ATENCIOSAS
MAS BASTAVA TERMINAR, PARA ELZA EXCLAMAR:
"DOCA, TENHO QUE IR DESCANSAR"

DE MANHÃ, NÃO MUITO CEDO, EU ACORDAVA,
E A VOVÓ FALAVA:

"BOM DIA, NETINHO, VAI TOMAR LEITE, VAI!"
SEM DISCUTIR, EU IA PARA A MESA
BEBIA LEITE E COMIA PÃO, QUEIJO E MELÃO!

DEPOIS BRINCÁVAMOS, EU E MEUS PRIMOS,
DE REPENTE, ELA CHAMAVA:
"VENHAM ALMOÇAR, MEUS NETINHOS"

APÓS O ALMOÇO, IA AJUDAR MINHA VÓ A FAZER PALAVRAS CRUZADAS...
LÁ ESTAVA ELA, SENTADA, EM SUA CADEIRA, ESCRREVENDO, NÃO POR MUITO TEMPO:
"AGORA CHEGA, ESTOU MUITO CANSADA!"

MAS UM DIA O TEMPO DE MINHA VÓ TERMINA,
E DEUS A LEVÁ EMBORA,
A GENTE CHORA,

PORÉM, LÁ DO CÉU, AINDA SE OUVI:

"NÃO CHOREM, EU ESTOU AQUI... MINHA ALMA ESTÁ AÍ, COM VOCÊS!" E ESTÁ.

A PRESENÇA DELA É FÁCIL DE PERCEBER

PRINCIPALMENTE NESSA FRASE QUE MOISÉS CHEGOU A ESCREVER:

"A ETERNA MORADA DA DOCA, ONDE CABEM AMIGOS DE MAIS... AQUI BATEM

PESSOAS

QUAISQUER E ENTRAM CONVIDADOS ESPECIAIS..."

JAMILE LOURDES ELIAS (DOCA) 1920/2007

- **determina a quantidade de informação necessária, numa situação comunicativa concreta, para que o leitor seja capaz de reconstruir o objetivo da produção do texto.**

Esse “balanceamento”, o produtor define com base na situação comunicativa e no gênero textual requisitado na situação vivenciada, considerando, é claro, o traço da plasticidade constitutivo das práticas configuradas em texto.

É o conhecimento interacional que nos diz que placas, no caso do nosso exemplo a seguir, as placas de trânsito, devem conter informações breves, rápidas, considerando que os leitores interessados (leia-se “os motoristas”), por estarem dirigindo, não disporão de muito tempo para leitura.



Fonte: Folha de S. Paulo, 11 mar. 2007.

- **seleciona a variante linguística adequada à situação de interação.**

O texto a seguir, por se tratar de um informe publicitário veiculado em jornal de grande circulação com o propósito de prestar esclarecimento aos consumidores do produto em questão nos termos determinados pela legislação, é produzido com alto grau de formalidade. Caso contrário, não obteria o efeito desejado. Vamos ao texto:

Nos termos do Compromisso de Ajustamento de Conduta nº 51.161.323/08 assinado com o Ministério Público de SP, a Nivea vem a público prestar o seguinte esclarecimento: a estrutura da pele é formada pelas papilas dérmicas, que com o tempo perdem a intensidade. Nivea Visage Age Reverse regenera e devolve às papilas a densidade de uma pele mais jovem, segundo pesquisa do Instituto alemão DermaConsult. Ao contrário do afirmado em publicidade anterior, não pode determinar o rejuvenescimento da pele em número de anos, uma vez que diversos fatores contribuem para variação deste resultado.

NIVEA

Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 7 ago. 2008.

- **faz a adequação do gênero textual à situação comunicativa.**

O trecho a seguir destacado do livro *O mundo de Sofia*, em que a personagem Sofia decide escrever uma carta para um leitor “sem rosto” e o faz de modo solene.

Essa história de livre-arbítrio levou Sofia a um outro pensamento, completamente diferente. Por que ela tinha de engolir essa brincadeira de gato e rato com o filósofo misterioso? Por que ela não podia escrever uma carta para ele? Ele ou ela viria na certa na manhã seguinte para colocar outra carta na sua caixa de correio. E por isso ela também deixaria uma carta para seu professor de filosofia. Sofia pôs mãos à obra. Ela achou muito difícil escrever para uma pessoa que jamais tinha visto. Não sabia nem mesmo se estava escrevendo para um homem ou para uma mulher. Também não sabia se esta pessoa era jovem ou velha. Além disso, esta pessoa poderia ser alguém que Sofia conhecesse. Em meio a todas essas perguntas, Sofia conseguiu redigir a seguinte carta:

Prezado senhor filósofo!

Todos aqui em casa estão gostando muito de seu generoso curso de filosofia por correspondência. O que nos incomoda, porém, é que não sabemos quem o senhor é. Pedimos-lhe, então, que se identifique com seu nome completo. Como recompensa, o senhor está convidado a vir tomar uma xícara de café aqui em casa, de preferência quando mamãe não estiver. Ela trabalha de segunda a sexta das 7h30 às 17h. Eu mesma vou à escola durante este período, mas chego em casa às duas e quinze. Além disso, sei fazer café muito bem. Desde já lhe agradeço.

Cordiais saudações,

De sua dedicada aluna, Sofia Amundsen, catorze anos.

Bem embaixo da página, escreveu: "Peço-lhe que responda assim que possível". Sofia acabou sua carta muito solene. Mas não era fácil escolher as palavras para escrever a alguém sem rosto.

Colocou a carta em um envelope cor-de-rosa e o fechou. No envelope escreveu: "Ao senhor filósofo".

O problema era saber como deixar para ele na caixa de correio sem que a mãe a encontrasse. Ela tinha que esperar a mãe entrar em casa para depois colocar a carta na caixa de correio. Ao mesmo tempo, não podia deixar de olhar a carta na manhã seguinte, bem cedo, antes de o jornal chegar. Se durante a noite não chegasse nenhuma carta para ela, teria de recolher o envelope cor-de-rosa.

Por que tudo tinha que ser tão complicado?

Fonte: GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 62-63.

- **assegura a compreensão da escrita para conseguir a aceitação do leitor quanto ao objetivo desejado, utilizando-se de vários tipos de ações linguísticas configuradas no texto, por meio**

da introdução de sinais de articulação ou apoios textuais, atividades de formulação ou construção textual. Exemplificamos com o texto a seguir:

COMO TRANSFORMAR
UM VEGETAL INSÍPIDO,
SEM PERSONALIDADE,
COADJUVANTE DA
CANJA E DA SALADA
(E QUE, ALÉM DISSO,
AINDA TEM COR DE
COMIDA DE HOSPITAL)
EM 20 RECEITAS
TÃO SABOROSAS
E TÃO DELICIOSAS,
QUE NEM PARECEM
FEITAS COM UM
INGREDIENTE
SEM GRAÇA,
POUCO APETITOSO
E QUASE IRRELEVANTE
(CUJO NOME NÃO
TIVEMOS CORAGEM
DE ESCREVER NA CAPA
DO CADERNO)



Fonte: O Estado de S. Paulo, 7 ago. 2008.

Neste capítulo, defendemos uma concepção de escrita como atividade que tem como base a interação, uma vez que: i) se escreve sempre para alguém, ainda que esse alguém sejamos nós mesmos; ii) se revê o que se escreve uma, duas ou quantas vezes forem necessárias, sempre pensando em “ajustar” o texto à intenção do seu produtor e à compreensão do leitor. Ilustrativamente, podemos verificar isso nas três versões do texto “A vida no mundo” produzidas por João Marcelo da Silva Elias, aluno da 4ª série, Colégio Madre Alix/São Paulo.

VERSÃO 1

A VIDA NO MUNDO
 A VIDA NO MUNDO, VOCÊ PODE ENTENDER?
 O HOMEM, SUJAR O RIO TIETÊ!
 A VIDA MUNDO, VOCÊ PODE ENTENDER?
 ÁRVORES TÃO LINDAS LEVADAS A PERDER!
 A VIDA NO UNIVERSO, VOCÊ PODE ENTENDER?
 DEUS TÃO CRIATIVO FAZENDO VOCÊ CRESCER!

VERSÃO 2

A VIDA NO MUNDO
 A VIDA NO MUNDO, VOCÊ PODE ENTENDER?
 O HOMEM, SUJAR OS RIOS SEM TEMER!
 A VIDA MUNDO, VOCÊ PODE ENTENDER?
 ÁRVORES TÃO LINDAS LEVADAS A PERDER!
 A VIDA NO MUNDO VOCÊ PODE ENTENDER?
 VIOLÊNCIA ONDE QUER QUE VOCÊ POSSA VER!
 A BOA VIDA NO MUNDO, HÁ DE ACONTECER?
 SÓ SEM POLUIÇÃO E COM PAZ, PARA SE DAR E VENDER!

VERSÃO 3

A VIDA NO MUNDO
 A VIDA NO MUNDO, VOCÊ PODE ENTENDER?
 O HOMEM, DESTRUIR A NATUREZA SEM TEMER!
 A VIDA MUNDO, VOCÊ PODE ENTENDER?
 ÁRVORES TÃO LINDAS LEVADAS A PERDER!
 A VIDA NO MUNDO VOCÊ PODE ENTENDER?
 VIOLÊNCIA ONDE QUER QUE VOCÊ POSSA VER!
 A BOA VIDA NO MUNDO, HÁ DE ACONTECER?
 SÓ SEM POLUIÇÃO E COM PAZ PARA SE DAR E VENDER!

Nas versões do texto, ou em sua reescrita, como podemos perceber, o pequeno autor recorreu a estratégias de:

- **reformulação** de trechos

O HOMEM, SUJAR O RIO TIETÊ! (versão 1)
 O HOMEM, SUJAR OS RIOS SEM TEMER! (versão 2)
 O HOMEM, DESTRUIR A NATUREZA SEM TEMER! (versão 3)

- **supressão** do trecho

A VIDA NO UNIVERSO, VOCÊ PODE ENTENDER?
 DEUS TÃO CRIATIVO FAZENDO VOCÊ CRESCER!

conforme verificamos nas **versões 2 e 3**.

- **acréscimo** dos trechos:

A VIDA NO MUNDO VOCÊ PODE ENTENDER?
 VIOLÊNCIA ONDE QUER QUE VOCÊ POSSA VER!
 A BOA VIDA NO MUNDO, HÁ DE ACONTECER?
 SÓ SEM POLUIÇÃO E COM PAZ PARA SE DAR E VENDER!

como observado nas **versões 2 e 3**.

Dizendo de outro modo: a escrita pressupõe sempre o leitor e, na base disso, encontra-se o princípio da interação, que privilegia a negociação entre os sujeitos, a intersubjetividade, os conhecimentos

sociocognitivamente constituídos e significados, a língua situadamente em uso, o dizer e o redizer. Nas palavras de Graciliano Ramos:

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso: a palavra foi feita para dizer.” (RAMOS, Graciliano, 2008).